



CRÔNICA TRISTE

Tôda pessoa que escreve habitualmente nos jornais recebe cartas de leitores e é inevitável que depois de um certo tempo não lhes dê mais grande atenção.

Na verdade a maioria das cartas não tem, mesmo, qualquer importância: são elogios, ataques, perguntas ou sugestões banais.

Há também (especialmente com letra de mulher) muita carta escrita à-toá, por simples literatura, ou porque a missivista queira mostrar-se interessante diante de alguém que ela julga que o seja.

Mas essa carta que me veio há pouco de uma pessoa que diz que "para adotar um nome qualquer eu me assinarei - Maria", é tão ingênua quanto comvente. Ingênua porque inspirada na vaga esperança de que um desconhecido, só pelo fato de escrever no jornal, e às vezes, sobre coisas de amor e suas tristezas, possa lhe dar algum conselho útil, ou pelo menos esclarecer suas dúvidas mortificantes. E comvente, porque é escrita de alma aberta, sem a menor preocupação de valorizar o próprio caso. "Sei que isso tem acontecido com muitas, que é perfeitamente banal, mas você, que é homem, talvez possa me dizer..."

E seu tom, que às vezes quase chega ao desespero, tem, em outras linhas, um sabor de quem faz ironia consigo mesma, com essa espécie de experiência, que nem a inteligência nem a sensibilidade lhe adiantam de muita coisa - e que, afinal, é ridículo, ou pelo menos inútil, levar as coisas pelo lado patético.

A certa altura, ela me criva de perguntas umas angustiosas, outras engraçadas, e conta minúcias assim: "Ele muitas vezes se referiu, sorrindo, ao fato de que eu não sei pregar um botão direito, e sempre acreditei que ele achasse engraçada essa minha falta de habilidade e também um certo desprezo que sempre tive por essa e outras "prendas domésticas"; agora eu sei que quando lhe estava para cair um botão do paletó, ele o arrancava e guardava no bôlso para quando se encontrasse com uma certa amiga minha - a tal - que lhe dizia, de um modo que ele não sabia se era carinhoso ou zombeteiro, que adorava pregar botões. E que, meio de brincadeira, meio a sério (ela dizia que para não me comprometer, a mim que lhe estou escrevendo esta carta) propôs que eles guardassem entre si esse negócio de pregar botões como um segredo; você desculpe eu estar lhe contando essas ninharias (que eu soube por pessoa a quem ele contou), mas acontece que, depois dessa brincadeira de "ter um segredo em comum", eles começaram a ter mais outro e mais outro, e no fim tiveram tantos que isso deixou de ser segredo para todo mundo... menos para mim, que ainda estive muito tempo bobeando".

E lá vem uma dessas perguntas infantis e angustiosas, que só as mulheres abandonadas fazem: "Será que é mesmo importante para um homem essa coisa de mulher saber pregar botões?"

Nono, minha senhora, eu não responderei a esta sua pergunta, nem a tantas outras que me faz, mesmo porque algumas delas envolvem questões que a humanidade procura resolver desde o começo dos tempos.

Tudo o que a experiência me ensinou a aconselhar, em matéria de tristezas de amor, é apenas isto: "Paciência, que passa; e quando não passa, melhora".

O que é horrivelmente pouco, e triste, mas é, na verdade, honestamente, tudo o que posso dizer, pois o resto que aconteceu comigo, eu ainda não consegui entender.

FLU Jan 82
CMA out 52
RN 159
ELE/ECA 102
Out 77

Out 52
M 49 154

sabendo, por

Olha a procissão!
Quem leva o guião?
Quem o leva é o Simão.
E quem vai naquele andar
Embrulhado num bordão?
Aquê é o São João.
E êste de capa encarnada
E livro na mão inchada?
Este cheira a sacristão.
E o Prior, onde é que vem?
Além, debaixo do pálio
Que é vermelho como o sangue
De uma toirada espanhola!
Um velho toca viola.
Um campino bem vestido
Baila o fandango! E sol-pôsto.
— Baila com alma e com gôsto!
Encostado a um marmeleiro
Todo em pétalas de flor,
Um lindo cão perdigueiro,
Bonito, põe-se a olhar!...
— Não tira os olhos de mim!
Ai, quem me dera encontrar
Um amor de olhar assim!

(Antônio Botto, conhecido poeta português, nascido em 1902, reside há alguns anos no Brasil. Fernando Pessoa foi seu amigo e traduziu suas "Canções" para o inglês. Autor de vários livros de poemas. Seus melhores versos têm uma inspiração nitidamente popular).



R. B.

Rubem Braga

COM DESENHOS DE CARLOS THIRÉ